

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 03Data: 27/08/89 Pg.: _____

Tapuia, nação proletária no campo

A tribo indígena mais numerosa de Goiás depois do desmembramento do Estado, composta pelos Tapuia, não fala mais sua língua, não produz artesanato, não mora em aldeias, e já perdeu todas as suas características culturais, vivendo na mais absoluta miséria, como proletários rurais. A denúncia é do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPHA), da Universidade Católica de Goiás (UCG), que desde o ano passado está desenvolvendo o Projeto Carretão, para estudar a realidade dos Tapuia e tentar resgatar sua identidade física e cultural. Após conseguir recursos, o IGPHA pretende sugerir um termo de trabalho conjunto com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), arquidiocese de Rubiataba - onde está localizada a tribo - e Funai, para no próximo ano executar pequenos projetos de subsistência junto à comunidade, e trabalhar em busca do passado cultural dos índios, desintegrado no contínuo processo de miscigenação.

Não será uma tarefa fácil, admite o diretor do Instituto, antropólogo Mário Arruda. Afinal, os Tapuia são os frutos de uma mistura confusa dos grupos Caiapó, Xerente, Xavante e Karajá, com negros e caboclos, resultado da tática do Governo da Colônia de reunir

os índios em grandes aldeamentos para prendê-los e vigiá-los, deixando espaço livre aos garimpeiros e colonos. Com o passar do tempo, e a falta de assistência, muitos grupos retornaram às suas terras de origem, restando uma comunidade de índios miscigenados, que se casaram com negros, brancos e caboclos da região. "Até mesmo a denominação Tapuia é tão genérica que não significa nada", salienta Mário Arruda. A tribo agora vive em estado de total degradação, no estilo de sertanejos, e falando o português. Por isso, para resgatar sua identidade cultural, será necessário um rastreamento pelo caminho dos Tapuia, à procura de seus parentes e sua origem.

FUTURO

"O caso Tapuia pode ser o trágico retrato do futuro das populações indígenas no Brasil, definido pela política indigenista oficial, pressionada por grandes grupos econômicos nacionais e internacionais", adverte a pesquisadora do IGPHA, Marlene Castro Ossami. Avaliando a situação da tribo, Ossami relaciona entre seus numerosos e graves problemas a redução, invasão e má qualidade de suas terras, que não permitem uma produção agrária suficiente para comercialização, obrigando os índios a manterem uma relação

de dependência absoluta com o mercado de trabalho externo. Hoje eles executam serviços nos garimpos de Crixás e em fazendas vizinhas da reserva Carretão, nos municípios de Rubiataba e Nova América, quase sempre sob o regime de empreita ou como diaristas, afirma a pesquisadora.

A tribo é formada por 125 remanescentes indígenas, representando a mais numerosa comunidade de índios de Goiás que, depois da divisão do Estado, ficou apenas com os 14 Avá-Canoeiro de Minaçu e os pouco mais de 30 Karajá de Aruanã, além dos Tapuia. Suas terras foram reduzidas e retalhadas pela demarcação promovida em 1948, pelo então governador de Goiás, Jerônimo Coimbra Bueno, segundo levantamento de Marlene Ossami. Atualmente a reserva Carretão se encontra dividida em duas glebas, de 1 mil 666 hectares e 77 hectares, área que os índios reivindicam revisão, garantindo que o processo de demarcação foi ilícito, com fazendeiros subornando o agrimensor para a exclusão de suas propriedades. A parcela de 77 hectares, conforme a pesquisadora, também nunca foi ocupada pelos Tapuia, já que se encontra nas mãos de fazendeiros, enquanto na outra gleba posseiros disputam a terra com os índios.